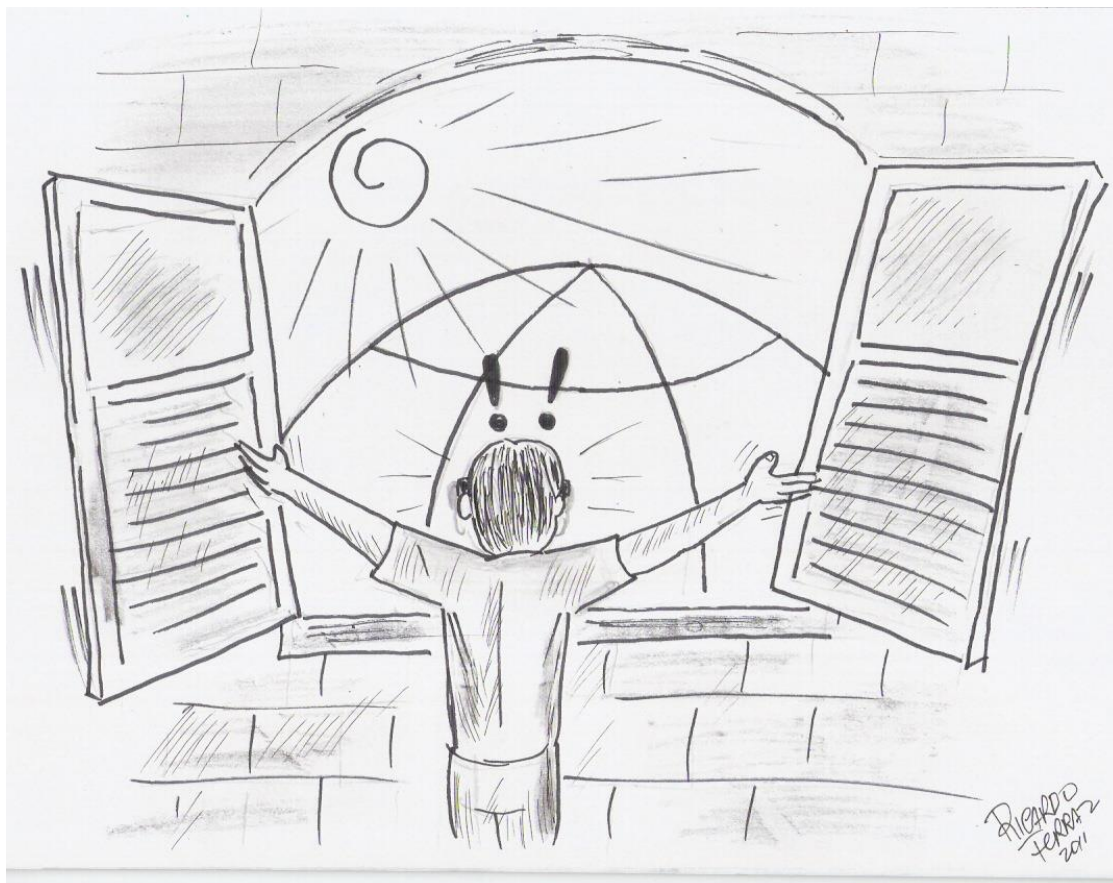


## A AUDIODESCRIÇÃO NA ESCOLA: ABRINDO CAMINHOS PARA LEITURA DE MUNDO

Livia Maria Villela de Mello Motta\*



**Descrição:** A charge de Ricardo Ferraz mostra um jovem de braços bem abertos de frente para uma janela aberta, por onde podemos ver o globo terrestre e o sol brilhando.

Vivemos em um mundo visual que exprime significados pelas imagens e nas imagens que são produzidas e reproduzidas continuamente em jornais, revistas, livros, internet, além daquelas que são clicadas freneticamente por milhares de usuários de celulares que passam a compartilhá-las nas redes sociais.

A escola como *locus* de construção de saberes e de formação de cidadãos precisa preparar docentes que sejam capazes de fazer a leitura desse mundo caoticamente imagético e de ensinar seus alunos a fazê-lo. Além disso, no contexto escolar, filmes, cartazes, eventos, os livros didáticos repletos de fotografias, charges, desenhos, gráficos, tabelas, mapas, tirinhas e histórias em quadrinhos, fazem sistematicamente parte da rotina pedagógica. Tanto as imagens estáticas como as dinâmicas são utilizadas não somente para ilustrar, chamar a

---

\***Livia Maria Villela de Mello Motta** é professora doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC de São Paulo, com parte de seu doutoramento feito na Universidade de Birmingham, Reino Unido. Trabalha como audiodescritora e professora de cursos de audiodescrição desde 2005, tendo sido responsável pela exibição da primeira peça e da primeira ópera com audiodescrição no Brasil. Trabalhou como consultora do MEC/UNESCO e criou o site e blog: *VER COM PALAVRAS*, que tem como objetivos a divulgação da audiodescrição nos mais diversos contextos. Organizou junto com Paulo Romeu Filho o primeiro livro brasileiro sobre o tema: *AUDIODESCRIÇÃO: TRANSFORMANDO IMAGENS EM PALAVRAS*. É coordenadora pedagógica do 1º Curso Brasileiro de Especialização em Audiodescrição, pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

atenção e tornar as aulas mais atraentes, mas também para complementar o entendimento do texto, do tema em estudo e torná-los mais facilmente compreendidos ou assimilados. Todas têm significado, daí a necessidade de fazer a leitura e traduzi-las em palavras, considerando principalmente a diversidade de alunos em sala de aula e as possíveis barreiras comunicacionais.

A citação abaixo de Ferreiro (2001) incentiva professores a olhar para a diversidade como uma vantagem pedagógica e não como um problema. Uma grande oportunidade de enriquecimento da prática pedagógica.

*É indispensável instrumentalizar didaticamente a escola para trabalhar com a diversidade. Nem a diversidade negada, nem a diversidade isolada, nem a diversidade simplesmente tolerada. Também não se trata da diversidade assumida como um mal necessário ou celebrada como um bem em si mesmo, sem assumir seu próprio dramatismo. Transformar a diversidade conhecida e reconhecida em uma vantagem pedagógica: este me parece ser o grande desafio do futuro* (FERREIRO (2001) apud LERNER, 2007)

A diversidade obriga escolas e professores a repensar a dinâmica de sala de aula, a introduzir novas ferramentas que possam colaborar para o sucesso de tarefas, dentre elas a tarefa de promover o acesso a esse universo repleto de imagens para todos os alunos, incluindo alunos com deficiência visual, alunos com dificuldades de aprendizagem, alunos que não conseguem compreender aquilo que leem, para despertar a curiosidade e ampliar sua visão de mundo. Aprender a ler imagens pode colaborar para a formação de alunos mais críticos, mais capazes de compreender os aspectos culturais, históricos e sociais contidos nas informações visuais. Aprender a ler imagens terá um impacto na leitura do próprio texto.

O objetivo principal deste artigo é tornar a audiodescrição conhecida por professores, do ensino infantil à universidade, para que possam utilizá-la como recurso de acessibilidade e ferramenta pedagógica que ajude na remoção das barreiras comunicacionais na escola, lugar em que se utilizam, fartamente, recursos imagéticos. Sem dúvida, uma oportunidade para abrir mais caminhos para leitura de mundo, considerando que leitor não é apenas aquele que lê livros, mas também aquele que lê imagens. O ato de ler, segundo Santaella (2012), não se limita à decifração de letras, expande-se também para todos os tipos de imagem, diagramação de texto, tipos gráficos, tamanho de letras e páginas.

Que o conhecimento sobre audiodescrição possa, dessa forma, contribuir para transformar a escola em um lugar cada vez mais possível para a diversidade, um lugar mais justo e inclusivo, que forme cidadãos do mundo e para o mundo. O conceito de audiodescrição e sua aplicabilidade serão discutidos na primeira seção.

## **1. Audiodescrição: conceito e aplicabilidade**

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade comunicacional que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em todos os tipos de eventos, sejam eles acadêmicos, científicos, sociais ou religiosos, por meio de informação sonora. Transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos, pessoas com déficit de atenção, autistas, disléxicos e outros.

O uso do recurso tem sido cada vez mais frequente em espetáculos (peças de teatro, musicais, espetáculos de dança, espetáculos de circo, shows, *stand ups*, óperas e outros), programas de televisão, produtos audiovisuais, livros, publicações *online*, *eventos sociais* (casamentos, batizados e chás de bebê) e exposições em museus, principalmente nos grandes centros, sendo responsável por um movimento de inclusão cultural. Pessoas cegas e com baixa visão também podem ser consumidoras de cultura, desde que sejam respeitadas em seus direitos de acessibilidade comunicacional. Quem assiste a um espetáculo, evento, produto ou programa de TV com audiodescrição percebe como é bom ter acesso às informações que as pessoas que enxergam têm, sente-se respeitado e incluído. Passa a reivindicar o recurso em outros produtos, programas, eventos ou espetáculos e a compor um novo público consumidor de cultura que tem acesso à arte, informação e cultura por meio das palavras.

Mesmo as pessoas sem deficiência têm notado que o recurso aumenta o senso de observação, amplia a percepção e o entendimento, mostra e desvela detalhes que passariam despercebidos. Pessoas com deficiência visual que perderam a visão depois de adultos afirmam que a audiodescrição devolve o prazer de assistir a espetáculos audiovisuais. Sentem-se incluídas, respeitadas, em igualdade de condições para discutir com outras pessoas. Além da ampliação do entendimento, expandem-se também o repertório cultural, o conhecimento de mundo, as oportunidades para refletir, tecer ligações com experiências já vividas.

Em peças teatrais, espetáculos de dança, circo, óperas, shows, musicais e outros, a audiodescrição é sempre feita ao vivo, usando para isso os mesmos equipamentos de tradução simultânea, fones de ouvido e receptores. A informação sonora é transmitida pelos audiodescritores de dentro de uma cabine acústica, com um roteiro previamente preparado, estudo sobre o tema e terminologia, inserida preferencialmente entre as falas dos personagens ou pausas do espetáculo. Em filmes e outros produtos audiovisuais, a audiodescrição poderá ser gravada em estúdio, mixada e inserida na trilha original, respeitando as falas de personagens ou narradores, evitando a sobreposição.

Em alguns congressos, seminários, ciclos de palestras e outros eventos acadêmicos, a audiodescrição também já vem sendo utilizada, enfatizando a preocupação com o direito das pessoas com deficiência de acesso à comunicação e à informação. Nestes eventos, são audiodescritas imagens de slides, vídeos, a caracterização dos palestrantes, o auditório e o registro da presença de convidados e autoridades. As pessoas com deficiência visual recebem receptores e fones de ouvido e podem, dessa maneira, escutar a audiodescrição que é inserida, preferencialmente, em momentos de pausa do palestrante ou em momentos em que a sobreposição de falas não comprometa o entendimento.

Em museus, telas, esculturas e outras obras de arte, núcleos multimídia, instalações, mesmo que não possam ser tocados, poderão ser apreciados se a audiodescrição for utilizada, o que será essencial para o conhecimento do ambiente com suas características arquitetônicas, bem como do histórico e especificidades técnicas das obras expostas, além de ser também complemento para o entendimento de maquetes e mapas táteis. É importante ressaltar que as informações fornecidas pelo tato serão mais significativas e, por conseguinte, melhor compreendidas se contarem com a mediação da linguagem verbal.



## 2. Depoimentos

Os depoimentos de pessoas com deficiência visual que apresento abaixo enfatizam a importância do recurso como instrumento de inclusão e ajudam a compreender seu conceito e benefícios.

*Minha primeira experiência com audiodescrição foi no Teatro Vivo, em São Paulo, na apresentação da peça Vestido de Noiva. Aguardando o início do espetáculo, também esperava para saber o que e como seria a audiodescrição. Antes, só havia ouvido falar. O audiodescritor começou a descrever o teatro. A riqueza de detalhes, a precisão com que ele apresentava o cenário, o palco, me deixou fascinado. Não esperava tanta informação dada com tanta qualidade. Começou a peça. Nos intervalos das falas, vozes que descreviam as cenas. Foi emocionante tomar conhecimento de detalhes que só a visão poderia me dar. No entanto, estava tudo ali, me sendo apresentado, de forma precisa e no tempo exato para não atrapalhar o diálogo dos personagens. Experimentei algo diferente. Era como se eu estivesse vendo o que estava acontecendo. A audiodescrição é o que faltava para as pessoas com deficiência visual nos teatros, cinemas, vídeos, estádios de futebol e muitos outros locais onde a ausência da visão exige uma descrição daquilo que não pode ser percebido pelos outros sentidos. (Markiano Charan Filho – após exibição da peça Vestido de Noiva no Teatro Vivo/SP)*

*Na última quarta-feira, fiz parte de um grupo de cegos que tiveram a alegria, o prazer e a emoção de assistir à pré-estreia da peça O Andaime, em cartaz no Teatro VIVO, em São Paulo..... Nem vou falar da qualidade da peça em si, fantástica, muito divertida, mas do prazer que tive ao sair dali podendo fazer os mesmos comentários que as demais pessoas, ao invés de ser aquele chato fazendo mil perguntas sobre cada cena que não entendeu, ou aquele bobão que não entende as piadas e só ri depois que alguém lhes explica. Há tempos que venho falando sobre a falta que a audiodescrição faz para as pessoas cegas em cinemas, teatros e na televisão, mas sempre de forma teórica, porque iniciativas como essa ainda são tão raras que mal dá para sentirmos o gosto. É como comer o último pedaço de algo muito gostoso: fica a vontade de quero mais... (Paulo Romeu Filho – após exibição da primeira peça brasileira com audiodescrição O Andaime, no Teatro Vivo/SP)*

*A experiência de assistir uma ópera com audiodescrição para mim é fundamental para o entendimento e integração do deficiente visual. Eu já havia assistido outras óperas, mas a única parte que eu conseguia apreciar era a música, mas nunca entendia a história e jamais podia conversar a respeito com outras pessoas. A experiência de assistir uma ópera com audiodescrição é como se alguém nos emprestasse os olhos. (Ersea Maria Alves – após a exibição das óperas Rigoletto e Norma no Theatro São Pedro/SP)*

*A audiodescrição é uma mágica que faz os cegos enxergarem. Pude sentir o resultado de um trabalho maravilhoso de acessibilidade cultural, não pensei que fosse tão bom, tão eficiente. Realmente funciona e é muito gratificante poder entender todo movimento do espetáculo. Vale a pena VER de NOVO !!! (Roberto Cavalcante – após a exibição da ópera Rigoletto no Theatro São Pedro/SP)*

*Ontem, só foi possível me emocionar, rir e chorar em vários momentos da peça, a partir de alguém que traduziu imagens em palavras. Me senti respeitada, incluída de fato numa sociedade que ainda exclui, mas que com ações como esta, transforma a cada dia. (Jucilene Braga – após a exibição da peça Ensina-me a Viver no Teatro das Artes/SP)*

Lima (2010), pesquisador e professor de cursos de audiodescrição, destaca que as pessoas com deficiência visual ficam, geralmente, excluídas do direito ao lazer e à educação, devido às barreiras comunicacionais, que impedem o pleno acesso às imagens e às artes visuais. A audiodescrição é, sem dúvida, um instrumento que possibilita desconstruir essas barreiras.

Franco e Silva (2010), ao discutirem as pesquisas de Packer, Schmelidler e Kirchner, apontam para alguns dos benefícios trazidos pela audiodescrição, a saber: a aquisição de conhecimentos sobre o mundo visual, principalmente aqueles ligados a normas de interação social, como linguagem corporal e vestuário; independência e autonomia, com consequente liberação de familiares e amigos da tarefa de descrever os programas e eventos, além da ampliação do repertório cultural.

A próxima seção trata da expansão da audiodescrição.

### **3. Divulgar para multiplicar possibilidades de uso**

Tem sido grande o esforço para divulgação da audiodescrição, para que mais e mais pessoas com deficiência visual e sem deficiência conheçam e passem a reivindicar o uso do recurso em um maior número de espaços. Também os professores podem contribuir para essa multiplicação, informando-se sobre os eventos culturais acessíveis para divulgá-los para seus alunos e incentivá-los a participar. O acesso às artes é essencial para o desenvolvimento de habilidades para a vida acadêmica e profissional, possibilitando que o aluno teça e estabeleça ligações com o aprendido em sala. Assistir a filmes, peças de teatro, óperas, espetáculos de dança e outros eventos acessíveis, certamente, irá contribuir para a formação cidadã dos alunos, ampliando o conhecimento de mundo para ambos, alunos e professores.

É, portanto, necessário conhecer e aplicar na escola os recursos que já vêm sendo usados em outros contextos para a remoção de barreiras comunicacionais. Isso não quer dizer será obrigatória a presença de um audiodescritor na escola, como acontece com os intérpretes de língua de sinais. O argumento que defendo é que o conhecimento sobre o recurso e sobre seus benefícios, aplicabilidade e técnicas permitirá que possa ser utilizado como ferramenta, o que sem dúvida poderá contribuir para o enriquecimento do agir pedagógico e para a abertura de mais oportunidades de aprendizagem para os alunos cegos e com baixa visão, além de alunos com deficiência intelectual, alunos com dislexia, com déficit de atenção, autistas e, mesmo, alunos sem deficiência.

As escolas têm avançado em termos de recursos e formação de seus docentes. Há uma mobilização em busca de cursos e oficinas que discutam especificidades das deficiências, adaptações e tecnologias assistivas. Cada vez mais as jornadas pedagógicas de escolas públicas e particulares, semanas de planejamento e reuniões pedagógicas têm incluído em suas pautas temas ligados à inclusão de alunos com deficiência.

Entretanto, mesmo com o avanço das tecnologias assistivas e das conquistas já alcançadas pela escola inclusiva, os alunos com deficiência visual ainda encontram dificuldades em seu processo de aprendizagem. Esses entraves vão desde a falta ou demora para que materiais em braille e ampliados, ou mesmo para que livros acessíveis cheguem à escola, até o despreparo de alguns professores na adaptação de atividades, procedimentos e estratégias usados em sala de aula, passando pela falta de incentivo e motivação por parte dos pais e até porque as próprias pessoas com deficiência desconhecem seus direitos e os novos recursos que poderiam utilizar para alavancar seus estudos. Algumas dificuldades e possibilidades do processo de aprendizagem de alunos com deficiência visual serão discutidas a seguir.

#### **4. O Processo de aprendizagem de alunos com deficiência visual: dificuldades e possibilidades**

Nunes e Lomônaco (2010), em estudos sobre a educação do aluno com deficiência visual constataram que os fatores que mais interferem no processo de escolarização referem-se à falta de recursos, falta de preparo do professor e falta de conhecimento sobre a capacidade de aprendizagem desses alunos. Apontam que, em muitos casos, a fala do professor constitui praticamente o único recurso para a aprendizagem em sala de aula. Os autores mencionam, ainda, o alto índice de repetência e de evasão escolar como dois fatores ligados à escolarização dos alunos com deficiência visual.

Masini (1997) afirma que esses alunos podem encontrar dificuldades em criar um sistema de significação em virtude da falta de observação direta de ações, objetos, do movimento do corpo e das expressões fisionômicas e gestuais, instrumentos de mediação semiótica que ajudam no entendimento e que são explorados na sala de aula.

De fato, conforme discutido por Masini e Motta (2004), as crianças cegas podem ter dificuldades de aprendizagem se não tiverem uma educação que lhes permita explorar o mundo e o seu próprio potencial, com experiências ricas de aprendizagem que serão importantes para a constituição do sujeito. Mesmo que a visão seja uma das principais fontes de acesso às informações, isso não significa que seja a única. Os outros canais perceptivos podem e devem ser amplamente explorados como o tato, a audição e o olfato, além do uso da linguagem.

A audiodescrição, certamente, poderá ser um instrumento de mediação e muito poderá colaborar para que os alunos façam inferências, deduções, e cheguem a conclusões, possibilitando uma participação mais completa nas múltiplas atividades escolares. É através da construção e exercício da linguagem, que a criança interpreta as informações que chegam até ela pelos diversos caminhos perceptuais. E é pela mediação do outro que ela percebe e imprime significados a essas informações, dentro de um contexto social e cultural (Vygotsky, 1999). Não é, portanto, apenas através dos olhos, dos ouvidos e das mãos em contato com os objetos, que tomamos contato e conhecimento do mundo, mas sim quando associamos e aprendemos os significados atribuídos aos símbolos e códigos social e culturalmente construídos.

Vygotsky (1999) em seus trabalhos sobre a cegueira, aponta como grande fonte de compensação, o desenvolvimento da linguagem, a apropriação dos significados, a construção de conceitos e o exercício da abstração, muito mais que o próprio desenvolvimento do tato e o refinamento da audição. É, pois, a linguagem verbal o grande instrumento de mediação social, cultural e afetiva, que proporciona o desenvolvimento pleno da criança cega, e que permite que ela tenha um conhecimento e compreensão do mundo, conseguindo interpretá-lo, compensando os limites causados pela falta ou dificuldade de visão.

Além da linguagem, as imagens desempenham um papel importante no processo de aprendizagem. Elas ilustram, provocam reflexões e emoções, estimulam, motivam, promovem a curiosidade, completam e antecipam os sentidos que serão construídos pela leitura, contribuindo para o entendimento do próprio texto. Cientes da importância da linguagem e do papel das imagens e conhecedores da audiodescrição como ferramenta



pedagógica, os professores poderão completar o discurso escolar com informações descritivas que permitam a visualização, a leitura mais crítica dos elementos imagéticos, com conseqüente ampliação do entendimento, motivação, participação, e repercussão positiva no processo de aprendizagem de todos os alunos.

Apresento, na próxima seção, uma sugestão de atividade com audiodescrição que permitirá que os alunos conheçam melhor a escola e comecem a pensar nas questões referentes à acessibilidade e à inclusão de pessoas com deficiência na sociedade e no ambiente escolar.

## 5. Conhecendo a escola com audiodescrição



**DESCRIÇÃO:** A charge de Ricardo Ferraz mostra dois alunos caminhando e conversando animados pelo corredor da escola. Um deles é cego e ambos estão com uniformes e carregam mochilas nas costas. Ao fundo, vários outros alunos, dentre eles um aluno na cadeira de rodas. O aluno da esquerda vira-se para o colega cego e diz: QUERO QUE VOCÊ CONHEÇA A ESCOLA! A SUA DIREITA, FICA A QUADRA DE ESPORTES E A SUA ESQUERDA, A SALA DE VÍDEOS! O aluno cego, com óculos escuros e bengala apoiada no piso tátil, responde sorridente: COM AUDIODESCRIÇÃO ENTENDO MELHOR OS FILMES E POSSO CONHECER MAIS OS LUGARES!

Início esta seção, contando um fato verídico que aconteceu com a amiga Jucilene, cega desde os cinco anos de idade. Atravessando a Praça da Sé, ela foi ajudada por um senhor que perguntou se ela conhecia a praça. Ju respondeu que sempre passava por ali a caminho do trabalho, mas que não podia dizer que conhecia o local. Então o senhor começou a descrever a praça: a igreja, as palmeiras enfileiradas, detalhes do piso, das torres majestosas da catedral. Para Jucilene, naquele momento a praça criou vida, abriu-se uma janela para o mundo, e através dela, Ju enxergou cores e detalhes preciosos que permitiram um real conhecimento do local. O fato ilustra com clareza o quanto a descrição pode ampliar o



conhecimento das pessoas com deficiência visual e aponta para o quanto isso pode e precisa ser usado na escola.

A visão, como apontado por Sá, Campos e Silva (2007), nos possibilita conhecer o ambiente, as pessoas que lá estão em uma fração de segundos. Uma infinidade de estímulos chegam até nós pela visão, tais como formas, tamanhos, cores, dimensões, disposição do mobiliário, o estado de conservação, a caracterização das pessoas, as expressões fisionômicas, os gestos. Alunos com deficiência visual poderão ter algumas dificuldades com o reconhecimento do ambiente escolar e com algumas atividades em sala de aula que privilegiem as imagens, o que pode gerar medo, insegurança e desmotivação. Cabe ao professor promover oportunidades de interação e socialização, usando a audiodescrição como uma das ferramentas, incentivando também os colegas a serem mediadores na tradução das imagens em palavras.

Para que possam se localizar dentro da escola, transitar com independência e autonomia, realizar as atividades propostas e interagir com as pessoas que lá trabalham, o ambiente escolar precisa ser apresentado aos alunos com deficiência visual. A apresentação será mais do que um simples passeio pela escola e poderá ser compartilhada com os alunos que enxergam. Será um passeio mediado pelo outro, exercitando o olhar em busca de elementos que fazem parte e que são característicos de cada lugar, sala ou departamento.

Como sugestão de atividade, em salas com alunos com deficiência visual, todos os alunos poderão percorrer a escola em pares, sendo que um estará vendado. Esta atividade, que poderá ser realizada desde o ensino fundamental até a universidade, com variação dos tipos de perguntas a serem feitas para os alunos e possíveis desdobramentos, objetiva apresentar a escola, o que será essencial para o ir e vir com autonomia e independência. Para os alunos que enxergam, a atividade objetiva desenvolver o senso de observação, ampliar o acervo de palavras e desenvolver a fluência verbal. Além disso, pretende proporcionar conhecimento sobre a escola e motivação para discutir temas relacionados à acessibilidade arquitetônica, comunicação acessível, reciclagem de lixo, vida na comunidade e outros.

### **5.1. Procedimentos em sala de aula**

**1.** Iniciar uma conversa com os alunos sobre a escola/faculdade perguntando se sabem a localização, data da fundação, número de alunos, nome da diretora, da coordenadora, dependências e outras informações. As perguntas, neste caso, são instrumentos de mediação que servem para provocar a curiosidade e motivação e possibilitar a formação do pensamento crítico em sala de aula (Brookfield e Preskill, 1999). Isso poderá ser o ponto de partida para uma pesquisa posterior sobre o bairro, ligada a outras disciplinas ou sobre outros temas que poderão vir à tona. Na faculdade, é uma oportunidade de conhecer departamentos, laboratórios, cursos oferecidos e outras facilidades, o que será interessante para todos os alunos, principalmente os calouros que estão se adaptando à vida acadêmica.

**2.** Comentar como os alunos chegam até a escola, o tipo de condução, as condições das calçadas em torno da escola, as dificuldades que uma pessoa com deficiência pode enfrentar. A conversa pode ser ampliada para as questões de acessibilidade como rampas, elevadores, piso tátil, sinalização, materiais. Pode-se incluir uma investigação sobre os recursos de acessibilidade já disponíveis na própria escola, o que pode ser melhorado, o que já existe no mercado e em outros lugares.

**3.** Convide os alunos a fazer um passeio diferente pela escola: em pares e vendados. Aproveitar a oportunidade para dar dicas de condução e orientação como as apresentadas a seguir:

<b>DICAS DE CONDUÇÃO E ORIENTAÇÃO</b>
Apresente-se, diga seu nome. Quando encontrar uma pessoa com deficiência visual que já conheça, não peça para ela adivinhar quem é. Diga seu nome.
Ofereça ajuda e deixe que ela segure em seu braço, preferencialmente, no cotovelo, para poder conduzi-la pelo local.
Não a empurre: pelo movimento de seu corpo, ela saberá o que fazer.
No trajeto, é importante dar informações e descrever os locais por onde passar.
Ao orientá-la a sentar-se, coloque a mão da pessoa cega sobre o braço ou encosto da cadeira e ela será capaz de sentar-se facilmente.
Fale sempre diretamente com a pessoa com deficiência visual e nunca por intermédio de seu companheiro. Não é necessário evitar as palavras “ver” e “cego”. Use-as sem receio.
Algumas pessoas, sem perceber, falam em tom de voz mais alto quando conversam com pessoas cegas. A menos que a pessoa tenha, também, uma deficiência auditiva que justifique isso, não faz nenhum sentido gritar. Fale em tom de voz normal.
Quando se afastar da pessoa cega, avise-a para que não fique falando sozinha.
É sempre bom você avisar, antecipadamente, a existência de degraus, pisos escorregadios e obstáculos em geral durante o trajeto.
Num corredor estreito, por onde só é possível passar uma pessoa, coloque o seu braço para trás, de modo que a pessoa cega possa continuar seguindo você.
Se algum aluno de faculdade tiver cão guia, não distraia o cão com brincadeiras ou carinhos. Ele está trabalhando e brincar ou acariciar o cão pode desviar a sua atenção e colocar em risco a pessoa com deficiência visual.
(com base no Manual de Convivência – Mara Gabrilli)

**4.** Durante o passeio, o aluno que está guiando será orientado por algumas perguntas, tais como:

- Como é a entrada da escola?
- De que cor são as paredes?
- Há algum quadro de aviso ou cartazes na parede? Quais os avisos disponibilizados?
- Como é o piso? Há piso tátil: de atenção e orientação? Como é o jardim: há canteiros, flores, árvores, bancos?
- E o pátio: como se organiza o espaço, bancos, bebedouro?
- Onde ficam os banheiros?
- Como são sinalizados?
- Há sinalização em braille, letras ampliadas, contraste?
- Onde estão os extintores, lixeiras, orelhões?
- Há sinalização em torno deles?
- E a escada? Cores contrastantes para indicar degraus, corrimãos?

- Como é a biblioteca? Há acervo em braille? Materiais que são disponibilizados em arquivos digitais para alunos com deficiência visual?
- E a quadra, cantina, sala de informática?
- Chamar a atenção para o mobiliário.
- Quem são as pessoas responsáveis por cada dependência/departamento?
- Onde ficam?
- E o estado de conservação: há lixo espalhado pela escola/faculdade?
- Como a limpeza é feita?

5. O professor poderá traçar o percurso e combinar a troca das vendas: quem conduziu será conduzido depois de certo tempo para que todos passem pela experiência.

6. De volta à sala de aula, o professor fará perguntas sobre a experiência: como foi, o que sentiram, como é descrever a escola, a dificuldade da tarefa, se as orientações de quem estava guiando foram suficientes para o conhecimento do espaço, o que aprenderam com a experiência.

7. É importante sistematizar as informações encontradas tanto com relação ao conteúdo como à forma (palavras: verbos, adjetivos, advérbios utilizados para descrever). Desta forma, os alunos poderão ir formando um acervo de palavras, o que, certamente, será essencial para a elaboração de textos orais e escritos.

8. Outro aspecto importante que o professor precisa retomar com os alunos é sobre os adjetivos em uma descrição, a necessidade de elementos para justificar as escolhas: a escola é grande - quantos metros quadrados? - a noção de tamanho pode ser também entendida e explicada usando para isso comparações; a biblioteca é legal: por que é legal? pelo número de livros, pelo atendimento.

9. Essa atividade poderá ser desdobrada e expandida para vários outros tópicos: preservação do meio ambiente, lixo e reciclagem, hábitos cidadãos, acessibilidade, comunicação das pessoas com deficiência e outros e ligada a outras disciplinas.

10. Atividades para serem feitas em casa: elaboração de texto sobre a escola, pesquisa sobre o bairro, pesquisa sobre reciclagem de lixo, pesquisa sobre acessibilidade para pessoa com deficiência. Os alunos poderão ser divididos em grupos e cada grupo ficará responsável por um subtema.

A atividade apresentada, certamente, poderá promover uma reflexão sobre o conviver com a diferença, enfatizando os aspectos positivos da inclusão, os direitos das pessoas com deficiência à educação, lazer, transporte e trabalho. Para complementá-la, outros materiais poderão ser utilizados como filmes, notícias de jornal, da *web*, histórias infantis. O aluno com deficiência deverá participar ativamente das atividades propostas, e sentindo-se à vontade, poderá dar seu depoimento.

## 6. Reflexão final

Antigamente, evitava-se falar sobre a deficiência na frente da pessoa com deficiência, o assunto era considerado um tabu. Havia como que um véu encobrindo todas essas questões. Hoje em dia, a pessoa com deficiência participa das decisões a seu respeito, de discussões e

ações para melhoria das condições de acessibilidade; é responsável pela disseminação de informações sobre a deficiência e pela luta contra qualquer tipo de discriminação. Foi-se o tempo em que as pessoas com deficiência eram consideradas como “coitadinhas”, como objeto de ações assistencialistas.

A atitude do professor será, portanto, determinante para o comportamento e as reações do grupo para com o colega com deficiência. Incentivar os alunos a fazer pesquisas e levantar dados sobre o tema, visitar espaços acessíveis, trazer notícias divulgadas pela mídia, tudo isso pode ser explorado em sala de aula em diversas disciplinas e não como um tema à parte. Isso será fundamental para que hoje e no futuro os alunos possam ter uma visão mais humana e acessível do mundo em que vivem, preocupando-se nos espaços que convivem e em suas futuras profissões em como transformar a sociedade em um lugar mais justo e inclusivo, mais pacífico e amoroso.

A audiodescrição de imagens estáticas em livros didáticos, de imagens dinâmicas em filmes, eventos como peças de teatro, passeios, feiras e outros eventos escolares, assim como a contação de histórias, são outras aplicações da audiodescrição na escola e serão discutidas a seguir em outros artigos.

### **Referências Bibliográficas**

BROOKFIELD, S. D.; PRESKILL, S. *Discussion as a Way of Teaching – Tools and techniques for democratic classroom*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1999.

FRANCO, E. P. C.; SILVA, M. C. C. C. Audiodescrição: Breve Passeio Histórico. In: MOTTA, L. M. V.; ROMEU FILHO, P. (orgs.): *Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras*. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010, p. 23-42.

LERNER, D. *Ensenar en la diversidad*. *Lectura y Vida – Revista Latinoamericana de Lectura*, Buenos Aires, v. 26, n. 4. 2007.

LIMA, F. J., GUEDES, L. C. e GUEDES, M. Áudio-descrição – Orientações para uma prática sem barreiras atitudinais. *Revista Brasileira de Tradução Visual*, Vol 2. 2010.

Disponível em:

<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/issue/view/3>

MASINI, E. F. S. Integração ou Desintegração? Uma questão a ser pensada sobre a educação do deficiente visual. In: MANTOAN, M. T. E. *A Integração de pessoas com deficiência. Contribuições para uma reflexão sobre o tema*. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 1997.

MOTTA, L. M. V. A Audiodescrição vai à Ópera. In: MOTTA, L. M. V.; ROMEU FILHO, P. (orgs.) *Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras*. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010, p. 63-82.

MOTTA, L. M. V. *Aprendendo a ensinar Inglês para alunos cegos e com baixa visão – um estudo na perspectiva da Teoria da Atividade*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – LAEL, PUC-SP, São Paulo, 2004.

NUNES, S.; LOMÔNACO, J. F. B. O Aluno Cego: Preconceitos e Potencialidades. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 55-64, jan./Jun. 2010.  
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a06.pdf>>.

SÁ, E. D.; CAMPOS, I. M.; SILVA, M. B. C. *Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Visual*. SEESP/SEED/MEC. Brasília, DF, 2007.

SANTAELLA, L. *Leitura de Imagens*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. (Coleção: *Como eu ensino*).

VYGOTSKY, L. S. Problems of Defectology. *Remedial and Special Education*. Texas, v. 20, Dec. 1999.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.